

A Lógica do Conflito

SEBASTIÃO CARLOS*

Quando falamos de métodos de investigação da realidade nos deparamos com duas visões distintas e que provocam discussões. Uma delas refere-se ao método metafísico criado por Aristóteles e que orientou as reflexões durante boa parte do mundo antigo e toda a Idade Média. A metafísica consiste numa valorização aos conceitos que estão acima da realidade sensível e empírica (daí o nome meta- que está acima e física - realidade, natureza). Segundo Aristóteles os conceitos metafísicos são incorruptíveis, por isso não mudam: imóveis, prontos, acabados e inquestionáveis.

De Aristóteles até nossos dias muitas foram as afirmações que nos foram apresentadas como metafísicas como por exemplo geocentrismo e a afirmação de que somente a ciência seria capaz de responder a todas as indagações humanas. A última verdade inquestionável foi a de que "a história teria acabado" com a vitória do capitalismo sobre o socialismo. E o interessante é que muitos intelectuais se venceram disso e deram fundamento de cientificidade a essa afirmação.

Se bem observarmos iremos perceber que a conjuntura da década passada de certa forma nos convencia disso. Os últimos anos foram marcados por uma crise de referências. Não tínhamos nenhum paradigma que nos mostrasse uma outra alternativa. O projeto neoliberal e a globalização, da forma como nos mostraram, pareciam ser realmente a única saída, pois aquilo que nos inspirava como alternativa não existia mais. A metafísica capitalista tinha sido vitoriosa (o termo escolhido tem sentido porque a vitória de um subtende-se a derrota de outro).

Essa crise de referências afetou em cheio os movimentos populares no mundo e sobretudo no Brasil. Os sindicatos aos poucos foram perdendo sua força, partidos políticos, a sua identidade.

Movimentos que tinham a missão de congregar as organizações de trabalhadores como a CUT perderam seu poder de hegemonia diante das elites dominantes. Como consequência

disso movimentos de lutas isoladas absorveram os anseios de todas as classes de trabalhadores. Estou me referindo ao MST que tem uma causa específica que é a luta pela terra e que hoje exerce a função que seria da CUT. Os fatos que provam essa afirmação são as últimas greves que tivemos. Convocamos professores, bancários, funcionários públicos e aparecem os sem terras! O discurso neoliberal foi tão forte que nos convenceu de que não adiantava mais lutar. Um outro agravante é a influência das ONG's que absorvem a função do estado como gestor das questões sociais.

Isso revela o que é o método metafísico de análise da realidade, porém, em contraposição a este método temos o dialético que se caracteriza por não ser estático. A metafísica nos conduz ao ser e a dialética ao vir-a-ser ou devir. Essa dinamicidade é eterna.

O método dialético nos diz que a realidade está em constante transformação e que o motor desta transformação é o conflito interno entre dois fatores definidos como tese e antítese. Essa contradição interna nos direciona a uma síntese que é a superação do conflito. Mas essa superação traz em si os elementos de continuidade do conflito. A metafísica capitalista nos apresentou somente um lado da relação que foi a tese da vitória neoliberal se utilizando dos instrumentos ideológicos do estado, como meios de comunicações social, para nos conformar disso.

Os últimos anos nos mostraram que o projeto neoliberal foi um discurso B.O. (bom para otário) que na verdade nunca foi aplicado nos países capitalistas desenvolvidos. A defesa do estado mínimo só foi sustentada por países sem soberania política e econômica como o Brasil. A tese capitalista teve seu peso sobretudo em 1994 e 1996 quando o nosso medo, a inflação, foi finalmente "derrotada". O fato que prova isso foi a eleição presidencial (que não teve nem segundo turno) e o massacre do PSDB no legislativo estadual e federal.

Mas a ideologia neoliberal não foi forte o suficiente para aniquilar a força da antítese capitalista. Aos

poucos estamos começando a notar o reflorescimento dos movimentos populares que estavam estáticos. Em termos eleitorais, também percebemos isso quando analisamos o resultado das recentes eleições municipais. A direita, representada pelo PFL e PMDB sobretudo, perdeu espaço em muitas cidades brasileiras. Isso é suficiente para afirmarmos que o sonho não acabou e que o conflito está mais presente do que nunca. O Partido dos Trabalhadores conseguiu eleger representantes no legislativo e no executivo municipal em várias cidades pela primeira vez e confirmou a reeleição em várias cidades como prova da aceitação do povo em relação à maneira transparente de administrar os bens públicos.

Nas próximas eleições presidenciais tese e antítese irão se confrontar e os dois primeiros anos que seguem serão decisivos para a reviravolta popular. A chance da antítese é bem maior desta vez porque o "fim da inflação" não aniquilou o desemprego que ainda é uns dos nossos grandes medos.

O método dialético nos convida a aceitar o conflito como algo positivo e capaz de nos direcionar para a solução dos problemas. Porém, esse conflito deve se dar no campo das idéias num jogo de clareza e transparência não tomando posicionamentos reacionários e sectaristas pois esta postura nada mais é do que uma manifestação autoritária que poderá comprometer a vitória da esquerda em 2002. O erro cometido nas últimas eleições presidenciais não deve se repetir. Os três representantes da oposição no país (Lula, Ciro Gomes e Itamar) devem se unir e liderar um movimento de reação ao projeto neoliberal. Uma eficiente administração municipal é o ponto de partida para essa mudança. ●

*SEBASTIÃO CARLOS é aluno do Curso de Economia/UFPI e professor do Curso de Filosofia/UFPI